



Carta de Niterói

Somos muitas: estudantes, jovens, negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, LBTs, mães, somos as flores da primavera feminista, que transforma, luta, resiste, sonha e conquista.

Realizado de 25 a 27 de março na UFF-Niterói, O 7º EME da UNE marca a história, primeiro por juntar mais de três mil mulheres, sendo o maior encontro de estudantes mulheres da UNE, em um momento de acirramento da luta de classes, e segundo por conseguir imprimir uma identidade libertária, democrática e irreverente com muito protagonismo de todas as mulheres.

Na contramão de todas as violências impostas pela agenda conservadora da atual conjuntura, as mulheres estudantes da UNE vivenciam uma impactante capacidade de mobilização e organização, no sentido da construção de uma agenda em comum que desafie os rumos do nosso país e afrente todas as formas de opressão e exploração de nossos corpos e nossas vidas.

A democracia do nosso país tem sido atacada de forma muito perigosa, a ação orquestrada da mídia e do judiciário, instrumentalizando o combate a corrupção, é apenas uma cortina de fumaça para proteger a casta política que ataca os nossos direitos, interromper o processo democrático em curso no país e derrubar o mandato constitucional da Presidenta Dilma.

A corrupção precisa ser combatida, mas não aceitaremos partidarização nas investigações que ocorrem de forma seletiva, é preciso apurar todos os casos, os corruptos e os corruptores não podem ficar impunes. Por isso reivindicamos: #FORACUNHA.

Somos fruto da primavera das mulheres, somos a semente de cada reflorescer da esperança. Ocupamos as ruas do nosso país contra os retrocessos e a imposição de uma agenda conservadora no Congresso Nacional liderada por Eduardo Cunha, inimigo número 1 das mulheres brasileiras. Cunha é réu, acusado por corrupção e lavagem de dinheiro, lidera as medidas antidemocráticas em curso, e conduz de forma ilegítima o rito do impeachment. Viemos de todos os cantos do país para dizer que vai ter feminismo em todas as estações, vai ter luta em defesa dos nossos direitos.

#AGloboMenteeManipula

Nos últimos períodos vivenciamos momentos decisivos na história do nosso país e a Rede Globo de Televisão cumpre um desserviço para a organização da classe trabalhadora. A Globo mente e manipula as informações, não esquecemos que ela e suas filiais apoiaram a ditadura militar em 64. O império da comunicação que se tornou o Grupo Globo opera para gerar um clima ainda maior de instabilidade política e colabora para um projeto de sociedade que não é o mesmo das mulheres e da classe trabalhadora. É preciso democratizar a mídia como forma para por fim aos monopólios da informação, o que significa uma política oposta à atual que joga bilhões de reais em propaganda para a Rede Globo e outras grandes corporações, ajudando a fortalecer esses grupos.

#RadicalizarEDefenderADemocracia

A democracia é necessária e foi conquistada por milhares de brasileiras e brasileiros na luta contra a ditadura. Reconhecemos que o Estado Democrático de Direito apresenta limites e queremos uma democracia ainda mais firme e plena. Uma democracia real que não retire os direitos das mulheres, que não mate nossa juventude negra, que não retire o direito da classe trabalhadora, que não aprove a lei antiterrorismo por que ela criminaliza a organização dos movimentos sociais, uma vez que essa política conservadora e anti-popular esteve presente na agenda do governo. Para reverter essa situação, é necessário realizar as reformas estruturais, ampliar as liberdades democráticas das trabalhadoras e mudar a política econômica revertendo o ajuste fiscal recessivo, taxando as grandes fortunas e ampliando os gastos públicos com educação e saúde. Não confiamos à decisão dos rumos políticos do país àqueles que sempre defenderam seus interesses em detrimento dos interesses da classe trabalhadora e das mulheres. Nossa confiança está no povo e na sua autoridade em decidir nas ruas. Queremos uma saída à esquerda para a crise econômica mundial, sem ajuste fiscal e sem retirada de direitos. A classe trabalhadora não pagará pela crise!

#NenhumDireitoAmenos

A composição da universidade mudou devido aos avanços, que mesmo sendo ainda insuficientes permitiram a entrada de mais jovens nas universidades. Mais de 50% das vagas nas universidades são ocupadas por mulheres, cotistas, negras, prounistas, de baixa renda. Esta composição social tem apontado cada vez mais as contradições, através da reprodução das desigualdades de classe dentro das instituições e da manifestação de opressões como o machismo e racismo. Esta composição social tem resistido e lutado para superá-las. Por isso é necessário transformar a estrutura da universidade democratizando os espaços de gestão a partir de políticas como a paridade de gênero e das categorias. É necessário democratizar também os espaços de produção do conhecimento através de uma revisão do modelo pedagógico, de modo a curricularizar a extensão, de forma interdisciplinar e vinculada aos movimentos sociais, aproximando os cursos das demandas reais das trabalhadoras. Mas a superação dessas contradições só será possível de fato neste momento com o fim da política de ajuste fiscal do governo que, em 2015, cortou mais de R\$11 bilhões da educação e iniciou 2016 retirando R\$1,4 bilhões da educação. Isso afeta centralmente a permanência das

mulheres e outros setores oprimidos no ensino superior e, nas universidades públicas, precarizando ainda mais a política de assistência estudantil.

Tendo em vista a situação supracitada, é fundamental o fortalecimento das políticas de permanência dessas mulheres nas universidades. O Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES – cumpre um papel fundamental na garantia da manutenção das estudantes em vulnerabilidade socioeconômica no ensino superior. Entretanto o PNAES ainda é limitado no que diz respeito às diversas demandas que cada vez mais são crescentes, plurais e atuais. Nesse sentido, nós mulheres da UNE seguiremos pautando e pressionando o governo pela garantia de um plano de assistência estudantil que seja efetivo e que atenda todas as demandas reais das estudantes.

Além disso, esta composição social tem mudado a cara do movimento estudantil e da União Nacional dos e das Estudantes. É uma vitória deste projeto político e das conquistas democráticas dos últimos períodos que a UNE tenha eleito duas mulheres presidentas consecutivas, e tenha hoje nas suas vice-presidências e na diretoria de mulheres três mulheres negras. Esta mudança na composição social, racial e de gênero também tem impacto no movimento estudantil. Mas não basta! Há muito que avançar, é necessário efetivarmos as cotas de no mínimo 50% de mulheres entre as/os delegadas/os e na executiva, dando consequência ao fortalecimento à luta das mulheres na política e na construção diária das pautas das mulheres estudantes.

E queremos muito mais!

Queremos uma universidade livre do machismo, da LGBTfobia, do racismo e qualquer tipo de opressão. Queremos uma universidade livre da violência, dos assédios de professores em sala de aula; da desqualificação intelectual, respaldada pelo machismo; sem trotes machistas; livre dos trotes machistas; sem cantadas e abusos. Lutamos por uma universidade que seja das mulheres e para as mulheres. O Instituto de Pesquisa Data Popular aponta que 42% de mulheres deixam a universidade por medo de ser violentada, 56% já sofreu assédio e 11% já sofreu violência sexual. É nosso papel combater essa realidade, promovendo formações feministas, realizando caravanas, e estar em constante trabalho com a rede de entidades do movimento estudantil.

Para que façamos da universidade uma ferramenta de transformação na vida das mulheres e da sociedade, sentimos a necessidade de reunir toda base do movimento estudantil em torno da luta das mulheres, que perpassa por defender nossos direitos, lutar contra o ajuste, defender a democracia, ampliar os direitos das trabalhadoras e para dentro da universidade ampliar os recursos voltados à educação.

O maior EME da história da UNE!

Nos mobilizamos em cada universidade, em cada cidade e em cada estado desse país. Organizamos ônibus em dezenas de universidades, faltamos ao trabalho, deixamos nossas famílias no feriado, com um sentimento revolucionário: se juntar com outras

mulheres para pensar alternativas para nossas vidas, para a conjuntura e para o futuro do Brasil.

Na era das contradições, a União Nacional dos e das Estudantes dá um passo largo quando assume a construção do maior Fórum Feminista da América Latina. A cultura feminista transformando o Brasil se concretiza no 7º EME enquanto reflexão coletiva e práticas experimentadas a partir da auto-organização, disputando a narrativa não só do Movimento Estudantil, mas das grandes agendas da política brasileira.

Ao longo dos três dias, as mulheres estudantes demonstraram força para debater política e construir caminhos de luta a partir da auto-organização. Temas como: legalização do aborto, assistência estudantil, combate à violência, equiparação salarial, direito ao nosso corpo, políticas públicas para as mulheres, empoderamento das mulheres negras, indígenas, quilombolas e ribeirinhas, saúde das mulheres, segurança pública, entre outros, marcaram com centralidade o debate plural, em tentativas de diretrizes para as mulheres estudantes e os nossos desafios na atual conjuntura.

A agenda econômica recessiva, os modelos punitivos de sociabilidade, a forma de segregação dos espaços públicos e a cultura política misógina e racista enraizada nos espaços de poder, têm impactos diretos e objetivos sobre o corpo e a vida das mulheres. A cultura do medo, no nosso caso, ultrapassa o imaginário e nos estupra nas esquinas dos centros urbanos, nas matas, nas águas, no campo, assim como o fazem as grandes empreiteiras sobre os territórios invadidos.

#FeminismoContraAviolência

As violências contra as mulheres se materializam de várias formas dentro e fora da universidade, é um instrumento do patriarcado para nos retirar de espaços que hoje ocupamos graças à luta histórica das feministas. Relações abusivas tornaram-se regras na nossa vida, e não exceção. As principais instituições em nosso país naturalizam, controlam e manipulam os corpos e vida das mulheres.

#TomarAsRuas

O 7º EME se consolidou como um espaço de experiências e métodos de luta das mulheres, que devem protagonizar as lutas da esquerda brasileira. A agenda central para o próximo período é barrar o impeachment, iniciar uma profunda reforma do sistema político, lutar contra o ajuste, aprofundar a democracia e apontar para um projeto de país que garanta as reformas estruturais necessárias, consolide e amplie os direitos das trabalhadoras. Venceremos!

União Nacional dos Estudantes e das Estudantes

Niterói, 27 de março de 2016.